

“Revoluções” - Jaime Vasconcelos

19 Setembro / 2 Novembro 2013

Galeria das Salgadeiras

Conta-me histórias da História, percorrendo as terras desde o Oriente ao Ocidente, começando no ano 500 a. C. até 1974. Encontramos momentos que conhecemos e que pertencem à nossa herança cultural, como a Revolução Francesa ou o 25 de Abril, outros de que remotamente nos lembramos, como a revolução de Atenas, outros ainda que, para a grande maioria de nós, são agora revelados por Jaime Vasconcelos. Aqui impõe-se a primeira pergunta: porquê estes momentos? Que os une e que mensagem está subjacente a todos eles? Alerto a navegação de que a resposta carece de mais tempo, não bastará olhar, com toda a atenção que estas obras merecem, e que é muita. Haverá que voltar a casa, pegar nos livros, pesquisar na internet ou num canto sossegado de uma biblioteca, e conversar muito entre nós. Da conversa, no seu sentido mais nobre, sairão as respostas que cada um quiser encontrar. Este, atrever-me-ia a dizer, será o objectivo principal desta série de Jaime Vasconcelos: sem qualquer moralismo nem pretensão, pôr-nos a pensar na História, a conversar sobre os séculos que levamos de existência, para assim podermos, porventura, compreender o mundo que temos agora e o que dele podemos fazer para que seja um lugar melhor. É notável e ambicioso, porém, como aqui todos testemunhamos, é possível.

Em «Revoluções», Jaime Vasconcelos re-afirma essa perspectiva etnográfica da Arte, defendida por tantos intelectuais e críticos, de que destaco Hal Foster e o seu ensaio “The Return of the Real”. Estas imagens, resultantes da sua interpretação dos acontecimentos históricos, têm essa força, fazem-nos regressar a uma realidade construída com guerras, rebeliões, revoltas, revoluções. Suor, sangue, lágrimas, risos. Vitórias e perdas. Pessoas que num determinado momento juntaram as suas forças e vontades e foram à conquista de uma causa comum: os seus direitos. Nos dez momentos que Jaime Vasconcelos escolheu para esta série há um aspecto comum que revela, desde logo, a perspectiva política inerente a este seu trabalho: estas revoluções vieram de

baixo, à terra foram buscar forças para a sua luta, e daí nasceram novos conceitos e mundos. Essa convicção profunda, no seu sentido mais humanista e, não raras vezes, romântico - sempre regresso ao romantismo para falar da obra de Jaime Vasconcelos -, faz girar o mundo e comanda, além do sonho, a vida.

Precisamente falando de vida, surge um segundo aspecto que importa revelar e que poderá ser o pretexto para mais umas quantas conversas e reflexões sobre a nossa História. Tal como do chão nascem os frutos da sementeira, as revoluções podem, em certa medida, e atenda-se aqui também a uma leitura subjectiva do artista, ser consideradas como sementes que mais tarde serão colhidas, disseminando o ideal “revolucionário” para as gerações vindouras. Ainda hoje, mais de dois séculos passados sobre a Revolução Francesa, lutamos pela afirmação, concreta e consequente, do seu lema: “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”. No sentido figurado, uma revolução consiste em “insurreição que tende a modificar a política ou as instituições de um Estado”. Como tal, ainda que ocorram num determinado momento, a sua assimilação tarda. É preciso tempo para que novos valores se sublequem nas sociedades, sempre feitas de hábitos. Lançadas as sementes, não basta ficar de braços cruzados à espera que floresçam. Há que cavar a terra, madruguar para lhes dar alimento, regar quando o sol aperta - e bem que o “sol” tem escaldado nos tempos que correm. Cuidar, cuidar muito. Para Jaime Vasconcelos, as sementes já cá estão desde o ano 500 a. C. Como tratá-las? Essas respostas, múltiplas, cabem a cada um de nós, de preferência partilhando-as com os (nossos) outros. «Revoluções» pode ser um momento de silêncio, de quietude, de reflexão. Uma pequena pausa porque, como dizia o Padre António Vieira, se formos depressa, a alma fica para trás.

Ana Matos

Lisboa, Setembro 2013